

Cochonilhas

Soares Feitosa

Não sei muito bem se isto é uma cochonilha.



Talvez o seja.

Há centenas na Natureza.

Almoço janta café merenda — tem que ter para todos,
mas isto é outra história.

Planto.:

Papel terra, tudo a mesma coisa.

Não precisa de terra; nem papel:

Uma diz não sabemos se há o alvo mas temos que desenhar uma flecha

A outra sim mais de uma flecha

O nome-flecha tem que estar bem
antes do alvo.

Então, se te comparece em alvo, onde o seteiro?

Se tens a flecha —, o alvo?

Papeis letras nomes.
Basta o nome.
O nome-letra — flor.

A Arte é isto.
Você se esbarra.
Ai!
de unha encravada, o fio de enlevo te consome.

Era um trabalho de agriculturas, mato, terra, bicho, gente.
Lá pelas tantas, o carmim.



Lábios.
Repara agora na penumbra da face,
nesta viagem magistral entre rosto e costas¹

Canivete, flechas —, voltemos aos chãos de terra.

Apenas a dizer:
a Arte!
Existe.

Ah, o meu chaboque de casca de cajá,
desenhos,
desenharei a tua face.

SF, madrugada alta, Fortaleza, CE,
27.4.2018

Os livros são dois. Primeiro, o de Raquel, Raquel Nava Rodrigues, CARMIM; vermelhos, com o poema de flechas.

¹ A menina afegã: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/feito112.html>

Em seguida, o Livro das Flechas, onde o poema de flechas:
Érica Zíngano, Roberta Ferraz e Renata Huber.

i) Raquel, Carmim:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11651/1/2012_RaquelNava-Rodrigues.pdf

ii) Érica Roberta Renata, Flecha:

<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/13-poesia-FioFendaFale-sia.pdf>

A falsa
COCHONILHA DO CARMIM
e a devastação da palma forrageira
no Nordeste

Francisco José Soares Feitosa*

“Há aproximadamente 10 anos foi introduzida, com fins comerciais, uma espécie de *Dactylopiidae* no Nordeste do Brasil, aonde abundam as

plantações de *Opuntia fícus indica*, a principal cactácea forrageira da região. Por desconhecimento, introduziu-se *Dactylopius opuntiae* e não *Dactylopius coccus*. Atualmente, a EMBRAPA e outros organismos governamentais dos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba estão desenvolvendo planos de controle integrado da cochonilha, pois *Dactylopius opuntiae* é uma espécie invasora altamente prolífica e está ocasionando grandes perdas das plantas forrageiras”².

Esta a informação fundamental do livro fundamental da história da palma no Brasil, desde o Brasil colônia, de Nelson Papavero e Lucía Claps.

Ainda que livro fundamental, pela extensão e erudição da pesquisa, traz um erro quanto à data da infestação da

² https://www.researchgate.net/publication/287332178_ALGUNS_DADOS_HISTORICOS SOBRE_AS_COCHONILHAS_DO_CARMIM_HEMIPTERA_HOMOPTERA_DACTYLOPIIDAE_NOTAS SOBRE ETIMOLOGIA_SEU_CULTIVO_NO_BRASIL_NO_SECULO_XVIII_E_NA_PRIMEIRA_METADE_DO_SECULO_XIX

cochonilha no Nordeste: o livro é de 2014, refere dez anos, mas a introdução da *Dactylopius opuntiae* ter-se-ia dado em 1998, por aí, ninguém sabe, ninguém viu, um pesado véu de mistério. Os autores trabalham o sujeito indeterminado: “foi introduzida”, “introduziu-se”, como se os fatos não tivessem decorrido da atividade humana.

A realidade é que milhares de hectares de palmas, numa região miserável, já desapareceram. Entendo que, diferentemente da vassoura de bruxa nos cacauais da Bahia, não teria havido um ato deliberado para prejudicar. Muito pelo contrário, registros há de que a intenção – a boa intenção! - teria sido colocar ao dispor dos produtores uma nova fonte de renda, a “grana fina” do corante carmim, produzida pela cochonilha.

O pior é que em qualquer conversa com os mais jovens, as informações são no sentido de que a tal cochonilha do carmim teria sido introduzida por Delmiro Gouveia, para tingir suas linhas de coser na fábrica das margens do São Francisco, há mais de um século.

Simple nordestino, sob os efeitos da praga que tem dizimado os palmais do semiárido, estou no direito de perquirir: Quem, quando, como? Google para que te quero, vamos, pois, às pesquisas:

Milhares de hectares da palma gigante em PE, PB, e RN estão perdidos, dizimados, mortos, extintos. A praga avança, na força do vento e dos muitos meios de contaminação (gado, guaxinins, pássaros, raposas, vaqueiros e suas roupas, calçados, ferramentas e máquinas), para CE, PI,

AL, SE, BA e norte de MG em grande velocidade³. São Paulo também? Com certeza! São Paulo planta a palma gigante para a produção de frutas, o caríssimo *FIGO DA ÍNDIA*, uma delícia. Em suma, um desastre de mais de um milhão de km², a atingir produtores rurais, cujos rebanhos (seis anos de seca), dependem da palma.

Agora mesmo, 22.4.2018, a TV noticia que a cochonilha terminou de chegar a Botuporã, veja aqui⁴, no centro da Bahia, já descambando para o sul. Os produtores estão em pânico.

— Sim, quem trouxe essa peste?

Faço um registro em prol do geógrafo Ivandro de Oliveira Pinto que, em sua

³ <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/engenhariaambiental/include/getdoc.php?id=490&article=188&mode=pdf>

⁴ <http://g1.globo.com/bahia/bahia-rural/videos/t/todos-os-videos/v/praga-encontrada-no-municipio-de-botupora-ameca-cultivo-do-cacto-palma/6678798/>

Dissertação de Mestrado⁵, 2015, traz alguns fatos, também “ao portador”, ninguém sabe quem. Ivandro transcreve o discurso de Jarbas Vasconcelos⁶, Senado Federal, outubro de 2009, preciosíssimo como fio da meada:

“Venho hoje a esta tribuna para falar de um assunto que é de grande importância para o setor da pecuária de leite no meu Estado de Pernambuco. Trata-se da praga da cochonilha do carmim, que vem devastando há uma década as plantações de palma forrageira no Sertão e no Agreste pernambucanos. Para quem desconhece a cochonilha, se trata de um pequeno inseto originário do México e que é a principal base de um corante natural de cor vermelho escuro, utilizado em alimentos e

⁵ http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgdr/download/dissertacoes/dissertacoes_turma_2013/DISSERTACAO-IVANDRO-DE-OLIVEIRA-PINTO.pdf

⁶ <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/178329/A%20praga%20da%20cochonilha%20em%20Pernambuco.pdf?sequence=1>

também na produção de medicamentos e de roupas. O problema é que esse pequeno animal se alimenta da seiva de cactos, como é o caso da palma – utilizada em larga escala pelos criadores de gado leiteiro em todo o Nordeste. Há cerca de 11 anos, a cochonilha mexicana foi introduzida ilegalmente em Pernambuco, iniciando um processo de expansão pelo interior do meu Estado. O que era para ser uma alternativa econômica para pequenos produtores rurais se transformou numa praga que vem devastando as plantações de palma forrageira.

[...] “Daí a gravidade da praga da cochonilha que ameaça dizimar essa que é uma das poucas riquezas dessa tão sofrida população do Semiárido nordestino.

[...] “Durante o período em que estive à frente do Governo de Pernambuco, entre 1999 e 2006, empreendemos diversas iniciativas para combater a cochonilha, mas ela se apresentou mais resistente do que

imaginavam os técnicos da Secretaria de Produção Rural.

[...] “Por tudo isso, é extremamente preocupante o avanço da praga da cochonilha. Já existem informações de que o inseto já foi identificado também no vizinho Estado da Paraíba. Senhor Presidente, acredito que é chegada a hora dessa luta contra a cochonilha contar com o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Temo que essa praga vá além das fronteiras de Pernambuco e coloque em risco toda a bacia leiteira do Nordeste.

“Algumas viagens ao México foram empreendidas pela diretoria do IPA, acompanhada por técnicos locais e de outras instituições de pesquisa do Nordeste, a exemplo da EMEPA (PB) e da EMPARN (RN), entre os anos de 1996 a 1998. Ao que parece, objetivavam essas autoridades conhecer a diversidade da palma forrageira existente naquele país e firmar algumas parcerias, como de fato existiram. Daí

resultou na importação de uma grande quantidade de variedades de palma que foi dividida entre as instituições citadas, a exemplo de uma coleção destinada para usos hortícolas e outra especializada na produção de frutos, ainda existentes no IPA.

“Conhecendo a extensão dessa cultura e vendo-se que o seu maior emprego no México era como alimento para cochonilha do carmim, conhecida como “grana fina”, capaz de alta produtividade e de corante de alta qualidade, vendido no mercado internacional a um bom preço em dólar, a direção do IPA elaborou um processo e o encaminhou ao Ministério da Agricultura pedindo autorização para a importação da “grana fina”. Importante lembrar que o México, Peru e Ilhas Canárias são os maiores produtores mundiais de carmim.

“Enquanto o Ministério analisava o pedido, **o IPA escalou dois pesquisadores para coletar espécies nativas da cochonilha**

nas caatingas do Nordeste, tendo sido encontrada em Serra Talhada-PE e no distrito de Pendência, município de Soledade-PB, segundo se informa.

“As amostras aí coletadas foram encaminhadas para a sede do IPA, no Recife, onde foram feitos ensaios para estudo da biologia do inseto e outras determinações.

“O Ministério da Agricultura negou o pedido de autorização para a importação do inseto, enquanto os ensaios continuaram com o inseto coletado nas caatingas nordestinas, na expectativa de se comprovar uma boa fonte de renda para o homem do campo. Em função disso, em 1998 novos ensaios foram conduzidos, desta vez na Fazenda Cachoeira, sede da Estação Experimental de Sertânia, PE, em ambiente controlado, verificando-se que de fato havia viabilidade pela grande eficiência na multiplicação do inseto e na produção do corante.

“Enquanto esses ensaios eram conduzidos, houve uma grande divulgação da provável

atividade, com a produção de folders, publicação de matérias em jornais de grande circulação no estado e propaganda em exposições de animais da época, apresentando-se a cochonilha como a redenção do sertanejo, pois, a partir de então, tinha diante de si um produto que seria vendido em dólar no mercado internacional (IPA, Cochonilha do Carmim, folder).

“Esse material mostrava que os quatro países produtores, Peru, Ilhas Canárias, México e Chile dominavam o mercado mundial, com 200 toneladas do inseto beneficiado por ano, representando apenas 30% desse mercado. Isso tudo, somado à exigência da OMS de que as indústrias deveriam substituir os corantes artificiais pelos naturais até 1998, mostravam as possibilidades de ascensão desse mercado, razão por que o IPA estava interessado em investir na produção da cochonilha. Para tanto, o IPA firmou convênio naquele ano com a Universidade Autônoma de Chapingo, no

México, mandando técnico para conhecer as tecnologias de manejo de criação do inseto, no Centro de Pesquisas da Grana Cochonilha, em Oaxaca (México), enquanto professor daquela Universidade veio a Pernambuco.

“Em fins de 1999 surgiram os primeiros relatos de que havia áreas de palma em propriedades particulares, no município de Sertânia, infestadas pela cochonilha do carimim. A notícia não foi divulgada e o governo só tomou conhecimento no final do ano 2000.

“Algumas hipóteses foram aventadas para explicar o ocorrido. Como o primeiro foco foi detectado próximo à estação do IPA, onde havia sido realizado o ensaio com a cochonilha, logo se divulgou que o IPA teria deixado escapar o inseto para o campo, quando o ensaio foi conduzido em recinto fechado e em condições controladas.

“Outros alegavam que, em razão da grande divulgação dos benefícios da atividade para

o produtor, alguns desses poderiam ter levado raquetes de palma com a cochonilha para as suas propriedades e daí contaminado os palmais.

“Conta-se que, em exposição de caprinos e ovinos de Sertânia, autoridades do governo de então teriam feito propaganda da cochonilha, com raquete infestada em punho”.

— De lá 2009 para cá?

A palma forrageira não resistiu.

Acabou. Perda total. Onde ainda não acabou (PI, CE, AL, SE, BA e MG), vai chegar e acabar. Não há remédio, nem controle. O montante do prejuízo? Incalculável.

Um instante: quando falamos “palma forrageira”, regra geral referimos a palma gigante, a de maior área plantada desde a “Seca do 32” (1932), vide

Guimarães Duque⁷, e agora em processo de extinção. (Seca do 32? Foi uma das poucas “secas-secas”, isto é, o ano em que chove praticamente zero, a seca-total. A “Seca do 58” (1958) foi outra Seca-seca, quando os bispos reuniram-se em Campina Grande, PB, e do protesto deles surgiu a SUDENE, em que a roubalheira foi tamanha que mandaram fechar, mas isto é outro assunto; aliás, o assunto de sempre. Veja aqui o que é a Seca-seca)⁸

A rigor, a palma são duas, de modo bem simplório, a facilitar o entendimento:

- i) a palma gigante, espécie *opuntia*, do clima e terrenos mais severos,

⁷ <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/23261/1/livro1-O-Nordeste-e-as-Lavouras-Xerofilas.pdf>

⁸ <http://www.jornaldepoesia.jor.br/mangas&secas.html>

agora sob o ataque impiedoso da tal cochonilha que não é a do carmim;

ii) e a doce, também chamada miúda, da espécie *nopalea*, mais exigente em clima, mais produtiva e de melhor palatabilidade, que não é atacada pela falsa cochonilha do carmim, como veremos mais adiante.

Ou seja, tanto pior: a “palma do pobre”, a *opuntia* (a gigante), das regiões de clima mais severo, é que está sob vara, a tal “cochonilha do carmim”! Vejamos a gigante:



A palma gigante, do figo da Índia, a fartura da minha infância, Monsenhor Tabosa (Serra das Matas) CE, década de 60. Esta foto roda na WWW sem indicar de onde; Parece ser de Portugal, onde grandes cultivos da palma gigante voltados para a produção do figo da Índia. E se a chochó selvagem do IPA chegar por lá?! Tremei, patrícios!



A PALMA GIGANTE medida a facão, maior que facão. Dos grandes! Jailton Lopes, Projeto Pajeú, Comunidade de Pedra Grande, Ponto Novo (BA). A cochó selvagem? Anda não chegou; Deus permita demore um bocado. Página seguinte, a palma miúda.



A palma doce também conhecida como miúda, a mais nobre, a mais exigente e a mais produtiva. Plantio adensado, Nininho das Cabras, Canindé do São Francisco, SE, recorde mundial de produtividade: 732 toneladas/há/ano.

AFINAL DE CONTAS, A COCHONILHA, QUAL DELAS?

Cochonilhas são muitas; se duvidar, dezenas, centenas. Atacam tudo, destroem tudo. Entretanto, uma variedade das tais cochonilhas, com o pomposo nome de *Dactylopius coccus*, é a que produz o carmim, um corante vermelho de valiosa utilização na indústria alimentícia, têxtil e cosmética.

Para produção do carmim, só interessa a variedade *coccus*, que é, digamos, a verdadeira, de amplo cultivo nas palmas “*cocheniliíferas*” do México, Peru e outros países.

O Brasil bem que se esforçou, desde o período colonial, para explorar a cochonilha do carmim, monopólio da coroa espanhola por muitos séculos, vide Nelson

Papavero e Lucía Claps, obra indicada no início deste trabalho.

— Dar uma “pernada” na coroa espanhola, traficando cochonilha do carmim para explorar no Brasil colônia? Sim, a coroa portuguesa muito que se esforçou. Nunca o conseguiu. No México de então, o carmim estava logo abaixo do ouro e da prata, verdadeira riqueza, cultivado a sete chaves pelos espanhóis. Ainda hoje é produto de grande peso na pauta de exportações do México e do Peru.

Quando, então, coisa de uns vinte anos, alguém teve a ideia de criar uma fonte de renda extra para Nordeste, a exploração do carmim. Carmim? Sim, isto mesmo, basta espremer o inseto, voará tinta vermelha (“carmim” significa vermelho) para todos os lados. Assusta, parece

sangue, sangue vivo! É assim mesmo, apenas uma tinta vermelha, um vermelho vivo.

O problema é que nem todas as cochonilhas, ainda que se desmanchem em tinta vermelha quando espremidas, prestam-se para a atividade industrial do carmim. Algumas soltam tinta, mas de baixa produção e qualidade inferior; outras, tinta nenhuma, secas, só farinha. E a pior de todas as cochonilhas, justamente aquela implantada há vinte anos em Sertânia, produz pouco carmim e, **mil vezes pior, ataca o hospedeiro, a palma gigante, matando-a**. Vejamos o que diz um mexicano sobre a cochonilha:

Existen dos tipos de cochinilla, silvestre y fina. La silvestre es un complejo de ocho especies que crece como una plaga en las huertas de nopal. Su colorante es de mala

calidad y de baja concentración. Se distingue de la fina porque su cuerpo está cubierto de una madeja de "algodoncillo" blanco en vez del polvo de la cochinilla fina. La cochinilla fina se distingue porque su colorante es de buena calidad y alta concentración⁹.



A cochó selvagem? É essa aí. Não tem remédio, perda total ¹⁰

⁹ <http://www.sagarpa.gob.mx/desarrolloRural/Documents/fichasaapt/Producci%C3%B3n%20de%20Grana%20Cochinilla.pdf>

¹⁰ : <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/12/praga-de-cochonilha-deixa-cidade-do-interior-do-rn-em-calamidade.html>

Não temos, no Brasil, a cochonilha do carmim, isto é, a verdadeira. Deveras, quando o IPA (Instituto Agronômico de Pernambuco) implantou cochonilhas em Seretânia, imaginou seriam as do carmim, mas não eram. Desmanchavam-se em sangue (carmim) mas era as falsas, do tipo silvestre de que nos fala o mexicano. No texto inicial deste trabalho, os cientistas Nelson Papavero e Lucía Claps registram com toda a muita clareza:

“Por desconhecimento, introduziu-se *Dactylopius opuntiae* e não *Dactylopius coccus*”.

A cochonilha do carmim, chamada *Dactylopius coccus*, que não temos no Brasil, é que deveria ter sido implantada no projeto do IPA a gerar uma renda extra para os agricultores da seca. Em vez da

coccus, implantaram essa outra — por desconhecimento, com certeza —, a *Dactylopius opuntiae*.

A verdadeira cochonilha do carmim, de grande produtividade, não mata a palma. Esta outra, implantada em Sertânia e que agora se espalha Brasil inteiro, é a variedade feroz, selvagem, silvestre, chamada *Dactylopius opuntiae* (pronuncia-se dactilópius opúncie), de pouca tinta e que mata tudo o que estiver por perto, palmas, evidentemente. Que tipo de palma? Todas as palmas? Não. Ainda bem. Vejamos quais.

Comecemos pelo nome da fera: *Dactylopius opuntiae*, a cochonilha da opúncia. Opúncia? Sim, a nossa palma gigante, cujo nome científico é “*Opuntia ficus-indica*”, isto é, a palma do figo da Índia. E fique

logo claro: “figo da Índia” é o fruto da palma gigante, só da gigante; diga-se de passagem, uma delícia.

Pois bem, foi a cochonilha da *opuntia* que implantaram em Sertânia, destruindo tudo. Quem? Ninguém lhes sabe o nome quem. Falam teria havido um pedido de desculpas do governo de PE, mas não encontrei na www.

A cochonilha do carmim verdadeira, vamos recapitular, é a *Dactylopius coccus*; o seu hospedeiro não é a palma gigante, mas esta outra — tremei, alagoanos! — a *Opuntia cochellinifera*, isto é, a palma miúda, também conhecida como palma doce.

Quer dizer, cada espécie de palma tem o seu “inseto preferido”. A palma gigante tem a falsa cochonilha; a palma miúda, a cochonilha verdadeira.

Recapitulando mais uma vez: não temos, no Brasil, a cochonilha do carmim verdadeira; temos, sim, a falsa, a selvagem, que está a extinguir milhares de hectares da palma gigante, e que veio de fora, do México, demonstraremos.

Uma pergunta: essa cochonilha que aí está destruirá também a palma miúda? Não! A palma miúda é resistente à falsa cochonilha do carmim, mas hospedeira natural da verdadeira cochonilha do carmim.

Quer dizer, se o IPA, em vez de ter implantado a cochonilha selvagem, tivesse implantado a verdadeira cochonilha do carmim, quem estaria sob praga seria a palma miúda?

Sim e não! Sim, porque a palma miúda é o hospedeiro da cochonilha do carmim; mas nem tanto porque a cochonilha

do carmim verdadeira ataca, mas não mata. Daria para conviver, digamos, como todos convivemos com a **cochonilha de escama** que também ataca, mas não mata, a não ser que o produtor abra os braços e grite o proverbial “Come, onça!”. Se o fizer, nem precisa de onça; lagartas e gafanhotos acabam com tudo. Em suma, sem os devidos cuidados, seria uma praga, mas não tão terrível quanto esta outra, da cochonilha selvagem que mata a palma gigante, justamente porque sua “cera de algodão” impede a penetração do defensivo.

Por outra, se adotadas as técnicas do cultivo do carmim, na cochonilha verdadeira do carmim, que no México faz-se em fazendas, como se fossem “estábulos de cochonilhas leiteiras”, estufas de alta tecnologia, com a “ordenha” periódica dos

clatódios... haja chão, haja técnica! Vejam como é neste site.¹¹



Fazenda de cochonilhas do carmim no México (*Dactylopius coccus*), nada a ver com a cochó selvagem (*Dactylopius opuntiae*), com que o IPA contaminou aqui.

O fato é que os palmais de variedade “doce” correm o risco de, nalguma outra “experiência”, soltarem para cima delas a cochonilha verdadeira do carmim. Seria uma nova devastação, mas não tão pesada quanto esta, causada pela cochonilha

¹¹ Fazenda-fábrica de cochonilhas do carmim no México, nada a ver com cochonilhas selvagens: <https://www.youtube.com/watch?v=EYkwAgclj0I&t=104s>

selvagem. Botar a culpa em Delmiro Gouveia, morto há cem anos? Por certo! [Bem mais fácil, assim se formam os mitos: *O Delmiro! Foi o Delmiro!*].

Então, todas às vezes em que você ouvir/ler “cochonilha do carmim”, tenha a certeza de que, no Brasil, não se trata da “verdadeira cochonilha do carmim”, isto é, da variedade *Dactylopius coccus*; e sim, desta outra, implanta pelo IPA, a *Dactylopius opuntiaë*, que só serve para destruição.

Os técnicos que a introduziram sabiam disto? Parece que não, tanto assim que continuam a chamar “cochonilha do carmim”, quando o correto é chamá-la “cochonilha da palma gigante” ou “cochonilha selvagem”, ou pelo nome latino: *Dactylopius opuntiaë*. Faz diferença? Faz, sim.

Vale repetir: a cochonilha do carmim não mata o hospedeiro; a que implantaram aqui, mata.

DA HIPÓTESE MAIS PLAUSÍVEL

A famosa navalha do monge William Ockham: preferir o argumento menos enfeitado —, mais ou menos isto, dizia monge-filósofo há muitos séculos. De modo que, teorias conspiratórias de lado, comecemos pela mais plausível:

— Como implantar no Nordeste a produção de carmim?

— Trazendo a cochonilha do carmim, evidentemente.

— Vamos, então, pedir a licença de importação!

Pediram-na. (Quem pediu? O IPA!, segundo o senador de então, Jarbas Vasconcelos). Como a burocracia brasileira move-se a passos de tartaruga, alguém teria falado que conhecia cochonilhas de puro sangue nas matas da Borborema. (Sim, a natureza está repleta de insetos selvagens, inofensivos porque no macro sistema, desde que você não os traga para o cultivo doméstico. Foi assim com o fungo da seringueira, no plantio adensado da Fordlândia, projeto monumental, na Amazônia, falido por conta de outra “cochonilha”, o fungo *Microcyclus ulei*, do século passado)¹².

Equiparam dois técnicos. Embrenharam-se eles matagal adentro. Embora, lanterna e canivete; o cantil de

¹² http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342008000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

mineral-pet, rapadura e paçoca (é assim mesmo, água, rapadura, queijo de coalho e paçoca) que decentemente anda-se no gar-ranchal nordestino); pois bem, os nossos heróis (quem?!), rapidinho, cochonilhas de-baixo do braço:

— Eipa! Sucesso! Achamos, aqui estão! Vejam! Chiam sangue! De puro san-gue!

Levaram-nas para o Recife, cultivo bem cuidadoso de laboratório; depois, para Sertânia, grandes comemorações, muitos discursos de boa cerveja; os mais afoitos palmas repletas de cochonilhas, aba-nando-as até para quem não queria ver:

— Vejam!

Eram falsas.

O resto? Bom, o resto, a gente já sabe. Pano bem rápido, ninguém fale nisto. Daí o silêncio, parece. Foram buscar cochonilhas do carmim no matagal daqui, mas trouxeram cochonilhas selvagens. Daí chamarem a “cochonilha selvagem” com o nome de “cochonilhas do carmim”, que não o são. Parece que com esse pomposo nome, “cochonilhas do carmim”, ficou mais fácil colocar a culpa em Delmiro Gouveia que, pelo menos nesta, está inocente.

Se assim foi, a falsa cochonilha do carmim já estava na mata. Inofensiva porém, porque dentro do macro sistema, árvores para todos os lados, competição feroz de muitas feras entre si, um resultado de jogo zero, que ninguém perde, ninguém ganha. Levadas a cultivo, longe da competição da floresta, a falsa cochonilha do

carmim ganhou força e vitalidade que não tem dentro da mata. Disparou!

Contudo, essa versão da cochonilha nativa, da Borborema, não se sustenta, por uma razão muito simples: a cochonilha que está devastando as palmas do semiárido **não é a nossa cochonilha nativa**, da mata. É que há cochonilhas e cochonilhas, muitas, centenas. O agr. Paulo Suassuna, especialista em palma, assim me escreveu:

“Eu me lembro que, quando criança, em Taperoá, nós brincávamos de índio nos pintando com aquela “tintinha vermelha” que aqueles “bichinhos da palmatória” produziam. Quer dizer, desde sempre, as Cochonilhas da palmatória (*Dactylopius aff. Austrinus*) existiram e nunca fizeram mal à palmatória e nem, tampouco, à palma destinada ao gado. Pode tentar inocular *Dactylopius austrinus* em palma gigante ou

miúda que ela não consegue se desenvolver. Isto é um fato!

Palmatória? Sim, a nossa popular quipá, hospedeira natural dessa outra cochonilha, a *Dactylopius austrinus*, que também produz algum carmim, mas de péssima qualidade, de nada a ver com a cochonilha verdadeira do carmim. Então, foi essa outra, da palmatória-quipá que os nossos heróis do sertão pegaram na Borborema. Foram passear no matagal. Para nada!

A confirmar o que diz Paulo Suasuna sobre a nossa cochó da Borborema, técnicos da Paraíba inocularam a cochó selvagem que está a atacar e destruir a palma gigante, na palmatória quipá e, ao fim de 120 dias, não houve qualquer

contaminação¹³. Em suma, cada variedade de palma tem o seu “inseto cochó”. Impressiona que seja assim, a Natureza é completa: uma briga feroz, parasitas e seus hospedeiros.

Agora, 25.4.2018, o agr. Marcone C. M. Chagas, me confirma no WhtsApp:

“Caro amigo, nós concluímos dois ensaios em laboratório utilizando infestações cruzadas ou seja, amostras de palma gigante infestadas com a cochonilha do carmim sobre a quipá e, por conseguinte, cladódio da quipá bastante infestado em campo sobre raquetes limpas da gigante...

“Não houve qualquer sinal de formação de novas colônias (infestações) em nenhum dos casos, indicando que são espécies distintas (já esperado) apesar dos espécimes

¹³ <http://www.seb.org.br/eventos/CBE/XXIICBE/resumos/R0506-1.html>

visitarem as raquetes livremente mas não se instalem/reproduzirem-se.

“Esses dados ainda não foram publicados. Fiquemos tranquilos!”

Fiquemos tranquilos com o quê, meu caro dr. Marccone? Pelo menos com isto: i) a cochó da palmatória de espinhos, (quipá) não ataca a palma gigante; ii) a cochó que está matando a gigante não ataca a quipá.

Paulo Suassuna é de opinião de que a essa tal cochó selvagem — veremos que ela é do México e não daqui — também não ataca os demais cactos da caatinga:

“A palma gigante é hospedeira única de *Dactylopius opuntiae*. Sendo assim, essa história de que a Cochonilha Silvestre está atacando a Coroa de Frade, o Xique-Xique, o Mandacaru, o Facheiro ou qualquer outra Cactacea, não procede! Então, eu entendo

que a versão dos técnicos que entraram nas caatingas em Soledade e Serra Talhada e capturaram a Cochonilha para tentar multiplicá-la visando a produção do carmim e que assim se sucedeu o desmantelo, está descartada. Primeiro porque a Cochonilha que preda à palmatória (quipá) não é *Dactylopius opuntiae* e segundo porque as palmas destinadas à forragem não hospedam a *Dactylopius austrinus*."

Há outras cochonilhas de sangue?
Com certeza! Em Paracuru, litoral norte do CE, o meu gerente muito espantado com uma muda manga, repleta de cochós, ele as espremeu e sangraram. Eu vi. Também espremi e os dedos ficaram em sangue vivo, de puro carmim.

Lamentável, não tinha nenhuma curiosidade sobre o tema, de modo que não caprichei nas fotos. Quem disse que foi

fácil acabar com elas? Óleo de *neem*? Ficaram zombando e despachando cotocos para todos nós! Acabamos com elas, sim, mas depois de muitas beberagens.

Hoje, mais prevenido, eu e mestre José Batista dos Santos, o gerente, temos o compromisso de carregar um guardanapo branco, um pedaço de papel toalha ou uma folha de papel branco para, deparando-nos com qualquer cochó, espremê-la e fotografar. (Fico me perguntando: se as tais cochós selvagens da palma gigante seriam capazes de se meterem para cima do mangueiral do São Francisco. Tremem, beira-rio! Ou, pelo contrário, só gostam de palma, da palma gigante e suas variedades).



Cochós da mangueira. Chiam sangue sim, e foi sufoco para acabar com elas. Uma pena que não caprichei nas fotos. Hoje, mais experiente, quando nos matos, é papel toalha no bolso, guardanapo ou folha de papel branco para espremer as cochós que for encontrando e fotografar. E a caneta: dia, data, hora, local, senão você esquece ou mistura tudo.



Depois, estas outras cochóns, mais espertas, pra lá e pra cá, diferentes das sanguinolentas da outra foto. Sangue, sim, mas muito pouco, quase nada. Atacam as palmas? Não faço ideia. Deus defenda, proteja e guarde!

AFINAL, QUEM?

Do ponto de vista a História, o fato é simplesmente extraordinário. Um acontecimento com essa magnitude inteiramente “ao portador”. Sites há que registram: “*Um agropecuarista a trouxe do México, e este inseto se reproduziu*”¹⁴.

— Quem?! Ricardo Fiúza, já falecido? O pessoal da Fazenda Carnaúba? De fato, foram ao México conhecer os palméis de lá e aqui implantaram o sistema adensado, uma grande ideia, sem dúvidas, um magno benefício.

Este site registra o pior: “*Importaram e abandonaram*”¹⁵.

¹⁴ <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/12/praga-de-cochonilha-deixa-cidade-do-interior-do-rn-em-calamidade.html>

¹⁵ : <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/12/praga-de-cochonilha-deixa-cidade-do-interior-do-rn-em-calamidade.html>

Tenho que essa hipótese de alguém ter ido ao México e, em vez de trazer cochonilhas verdadeiras, trouxe essas que aí estão, falsificadas, selvagens... Sei não! O negociador brasileiro de cochonilhas teria sido ludibriado pelo mexicano?! De fato, roda na rede mundial de computadores esta versão, fonte bastante autorizada:

“ORIGEM DA PRAGA A cochonilha do carmim (*Dactylopius coccus*, Costa) é originária do México e criada em vários países, com destaque para o Peru e outros países da América Andina, para a produção do corante natural carmim de cochonilha, de grande importância comercial. Existem inquestionáveis referências históricas de que o capitão Arthur Philip, chefe da primeira frota de navios a deixar a Inglaterra transportando condenados para trabalharem na colonização australiana, fez uma escala de um mês no Rio de Janeiro em 1787 com o objetivo de procurar por palmas e

cochonilhas entre outros produtos tropicais para serem levados para a Austrália. Entretanto não foi desta época que se originou a catástrofe que ora acontece em plantios de palma nos estados de Pernambuco e Paraíba pois nunca houve nenhum registro desta praga entre os plantadores de palma do Nordeste até o **final do século passado quando pesquisadores do IPA (Instituto de Pesquisas Agronômicas do Estado de Pernambuco) trouxeram insetos cochonilhas do México para a realização de pesquisas agronômicas no município de Sertânia em Pernambuco. Infelizmente, as cochonilhas se disseminaram a partir dessa área experimental original para plantios próximos que foram rapidamente infestados e serviram de novos pontos de disseminação que ocorre principalmente pelo comércio de palmas e animais infestados com esses insetos, além do vento que pode transportar**

principalmente as formas jovens, conhecidas por ninfas migrantes.¹⁶

– Quem os autores do texto acima?

Autorizadíssimos:

- Rêmulo Araújo Carvalho – Pesquisador da Emepa-PB;
- Edson Batista Lopes – Pesquisador da Emepa-PB (falecido);
- Antonildo Campos Silva – Agrônomo da Secretaria Agricultura – PB;
- Robson Silva Leandro – Técnico Agrícola, Secretaria Agricultura -PB
- Vinícius Batista Campos- Estudante de Agronomia - UFPB

Do texto acima, as seguintes conclusões:

- Insistem no erro de chamar a variedade selvagem como cochoni-lha do carmim;
- Isentam Delmiro Gouveia, morto há cem anos, de ter trazido a praga para cá, quando referem o

¹⁶ http://www.mma.gov.br/estruturas/174/arquivos/174_05122008112054.pdf

surgimento apenas no final dos anos 90;

- Atocham a responsabilidade no IPA, quando seus técnicos (quem?): «**trouxeram insetos cochonilhas do México para a realização de pesquisas agronômicas no município de Sertânia em Pernambuco**».

Pode ter sido! Deve ter sido!

Sub-reptícios, os técnicos (?) não podiam trazer as cochós verdadeiras: a) primeiro, a licença para importar não fora liberada; b) segundo, os espanhóis, com certeza, não iriam permitir, porque assim tem sido desde o império espanhol, quando o carmim era tratado como segredo de estado.

Então, no México, os buscadores de

cochonilhas do carmim pegaram as primeiras cochós que encontraram nos cactos do jardim hotel, da pracinha de frente, sabe-se lá onde mais, colocaram-nas cueca adentro, como se fossem eles esses políticos que entopem-nas de dinheiros verdes e, pernas para que te quero, ligeiro para o Brasil, mais ligeiro para Sertânia, aos festejos e comemorações!

Ou, quem é sabe?, os espanhóis enfiaram-lhes as cochós selvagens como se fossem as verdadeiras do carmim, *vaaápo!* Eles lá, chapelões imensos, rindo de nós até hoje. *Hombres! Ó!*

— Fazer o quê?

Repor a verdade histórica, pelo menos nisto: ficarmos sabendo, como lição, a não repetir. Estou colecionando todos os nomes, técnicos ligados à *Opuntia ficus-*

indica, a nossa palma gigante, devastada pela praga da falsa cochonilha do carmim.

Dentre os muitos a quem escrevi, Paulo Suassuna respondeu uma verdadeira lição sobre a cochó selvagem que transcrevo no final deste trabalho. Ele é de opinião que as cochós da Borborema estão lá, bem quietinhas, e não fazem mal a ninguém. É uma outra variedade, diferente da cochonilha silvestre mexicana, a feroz, a praga verdadeira que está a acabar com tudo. Paulo é a favor da tese de que técnicos (quem?) do IPA (?) trouxeram as cochós selvagens do México:

O QUE EU ACREDITO: Vou dar a minha opinião em função de longos debates que tive com os cientistas mexicanos, chilenos e peruanos sobre esse assunto em todos os congressos e missões internacionais que pude participar

de 2010 para cá. Duas hipóteses podem ser tratadas com mais afinco:

A primeira delas é que, quando o IPA fez a importação dos contêineres com as variedades de palma vindas de diversas regiões do México, acredito eu que foi em 1998, algum material pode ter vindo contaminado e daí, houve a multiplicação natural desse material acarretando no descontrole total da situação.

A segunda é “trela de pesquisador”. Vai-se ao México, visita-se uma unidade de produção da “Grana Fina” (*Dactylopius coccus*), coleta-se uma pequena quantidade do material infestante, que por serem muito parecidas, para quem não entende, pode vir das duas espécies (*Dactylopius coccus* e *Dactylopius opuntiae*) e armazena-se numa “caixa de fósforos”. Ao chegar ao Brasil, multiplica-se usando a palma

como hospedeira. Eis aí a salvação para todos os nossos problemas!!!

Aqui vai uma explicação técnica: A velocidade de propagação de *Dactylopius opuntiae* é muitas vezes maior do que a *Dactylopius coccus*, sendo assim, com o decorrer do tempo, a população de *Dactylopius opuntiae* se sobressai à população de *Dactylopius coccus* e então, depois de um certo tempo, passou-se a se multiplicar apenas *Dactylopius opuntiae*. Eis aqui o nosso desmantelo!!! Para mim, essa última é a hipótese mais plausível, primeiro porque o ministério da agricultura não ficou sabendo de importação alguma de "Grana Fina" feita pelo Brasil e depois, seria muitíssimo pouco provável que os contêineres com as variedades de palma fossem liberados da quarentena, caso apresentassem qualquer tipo de anormalidade.

E, extremamente preocupante, conclui o doutor Paulo Suassuna:

Como técnico que vive em função dessa cultura, passei por momentos terríveis porque não tínhamos conhecimento algum sobre a praga. Acredito que, assim como eu, muitos pesquisadores, técnicos e produtores rurais enfrentaram os mesmos problemas. Até chegar à conclusão de que a solução está no manejo de variedades de palma resistentes à Cochonilha Silvestre, **muitos litros de defensivos ineficientes foram gastos e muitas entradas nos hospitais com diagnósticos de intoxicação por defensivos agrícolas** foram computadas.

TEM JEITO?

Parece que não tem não. Chegou a cochonilha ao seu plantio de palma

gigante? — é aproveitar o que puder para o gado, arrancar e queimar. Por outra, experimentos técnicos, depois do desastre, concluíram que a **palma miúda** é cem por cento resistente à falsa cochonilha do carimim¹⁷.

O problema é que a palma miúda não é produtiva senão na zona mais úmida, tipo agreste pernambucano e nalgumas regiões de SE/BA, extremamente exigente em termos de zoneamento de clima.

Aqui, CE, Manoel Belarmino está cultivando a palma miúda, próximo a Pacatuba (maciço do Baturité), 100m de altitude, vejam este exemplar, 14 meses, 22 kg, 72 raquetes, um sucesso, vejam (é, sim, irrigada):

¹⁷ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-35982009000500007



Manoel Belarmino, CE, palma miúda. Definição de Nininho das Cabras, recorde mundial: palma é uma hortaliça!

A outra opção, segundo os experimentos técnicos, é a **orelha de elefante**

mexicana, quase que cem por cento resistente. Eu disse quase: de fato, os experimentos de laboratório, realizados na Paraíba¹⁸ sobre a contaminação da cochonilha selvagem, indicam uma imunidade de praticamente 100% à orelha de elefante e imunidade total à palma doce também chamada miúda.

— Palma redonda, gigante e outras variedades? Consulte o especialista: é plantar e perder; e se já plantou, aguardar o desastre, ou... rezar.

Preventivamente, mandar arrancar? Não, isto não! Se a falsa cochó ainda não chegou, pode ser que demore mais alguns anos. Nesses quase vinte anos, a área de destruição é imensa, mas restam palmas como essas de Jailton Lopes (BA), de

¹⁸ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-35982009000500007

absoluta sanidade. Quem sabe, daqui uns dias, descubram um combate biológico, químico, sabe-se qual, e seja possível para conviver com essa maldita cochó selvagem.

Em suma, plantio novo: procure a variedade imune. Se está no local adequado, prefira a palma doce; se está na zona mais rude, vá de orelha de elefante.

Solução para a palma gigante, frente a essa praga da cochó selvagem? Não, por enquanto não há!

Plantar o que, então? Palma e mais palma. Nunca se plantou tanta palma como nesta seca alongada, seis anos mais este 2018, que não está tão bom como esperado.

Não plante a gigante, nem qualquer outra variedade que não seja a miúda/

doce ou a mão de moça (que é uma variedade da miúda) ou a orelha de elefante.

Experimentos: se a sua região é de palma miúda, parabéns, não podia ser melhor. Se era da palma gigante, vá de elefante. Consulte os técnicos do trecho; grupos de WhatsApp, compartilhando conhecimentos sobre o cultivo da palma forrageira: Cícero Barretto¹⁹, do Recife, e José Santos²⁰, de Ipiaú, BA. Vale participar.

Irrigação? Sim. Faz a diferença.
Técnicos? Sim, fale com o pessoal da agronomia de sua cidade.

¹⁹ <https://chat.whatsapp.com/Ak251TJXS5SLBJ1ugLpaTr>

²⁰ <https://chat.whatsapp.com/AywkAfcyYbgDqNdxjZp3xA>



A orelha de elefante mexicana, produtor Joaquim Lucas, Terra Nova, PE, Fazenda Riacho dos Cavalos, Rancho Dudé. Variedade resistente à cochó selvagem. Substitui a gigante, não é a mesma coisa, mas é melhor do que nada. Quem sabe, o desastre não tenha sido ruim de todo: renovação dos palmais envelhecidos, agora de maior produtividade com o adensamento.

ERROS & NOMES:

Cumprе retificar o erro que corre solto em todos os trabalhos técnicos, denominando a cochonilha da palma gigante como cochonilha do carmim. Está errado. “Cochonilha do carmim” é a da variedade “cocus”, nada a ver com esta outra, que é a cochonilha da *opuntia*. Falam assim porque, quando infectaram as nossas palmas

com essa praga, pensavam eles, lá neles, que faziam o bem, com a carmim verdadeira, mas, lamentável, era a selvagem.

Afinal, o perigo de mexer com a Natureza, sem medir as consequências:

“A cochonilha se alastrou como praga no Nordeste brasileiro no ano de 1998, quando a Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA) tentou inseri-la como uma opção de renda para os agricultores do semiárido, uma vez que o quilo da cochonilha seca pode chegar a custar mais de US\$ 18,00. Após dois anos do início das pesquisas, o inseto começou a se disseminar no município de Sertânia, próximo a Recife. Agricultores locais acusam a empresa de trazer a espécie errada de cochonilha e de abandonar a pesquisa, o que causou uma grande propagação da praga, afetando vários outros estados do Nordeste. **Este ato banal de transportar um pequeno inseto de uma região para**

outra sugere uma reflexão acerca das consequências de nossas pequenas ações. Ao infetar a palma forrageira, podendo causar sua morte, a cochonilha do carmim interrompe a cadeia alimentar de homens e animais que dependem dessa planta no período de seca nas regiões semiáridas nordestinas. (A COCHONILHA VALE OURO, de Raquel Nava Rodriguez, um livro de Arte, pág. 45)²¹.

Muito importante conversar com os que compareceram às reuniões em Sertânia, coisa de vinte anos. Com os fazendeiros de Serra Talhada e Soledade, onde teriam colhido cochonilhas da quipá, como se fossem as do carmim verdadeiras; também resgatar os panfletos (referidos por

²¹ http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11651/1/2012_RaquelNavaRodrigues.pdf

Jarbas Vasconcelos) e os jornais de então. Os fazendeiros de Monteiro também.

Nomes, aqui estão alguns. Não se faz mínima acusação a nenhum deles, que fique claro. Mesmo porque não acredito tenha havido má-fé no episódio. Com certeza, apenas isto: a vontade de ajudar foi tamanha que não fizeram a pesquisa sobre a tal cochó selvagem. O presidente do IPA de então, agr. Gabriel Alves Maciel, excelente pessoa, me prometeu resposta:



Bem que podia ter dado certo.

É sair perguntando. Algum perigo em responder? Não! Nenhum. Os fatos, com quase vinte anos, já estão alcançados pela prescrição, de modo que, mesmo tivessem sido para prejudicar — que não o foram! — já não há punição alguma, nem mínima cobrança. Eis os especialistas, há muitos outros (alguns já falecidos); antes que morramos todos, que desta ninguém escapa, louvado seja!

- Alexandre Carneiro Leão de Mello
- Alexandre de Medeiros Wanderley
- André Pereira Freire Ferraz
- Andréa Guimarães Vieira de Vasconcelos
- Antonildo Campos Silva
- Bergson G. Bezerra
- Bismark Passos
- Carlos Henrique de Brito
- Daniel D. Pereira
- Deise Maria Passos da Silva
- Djalma Cordeiro dos Santos
- Domingos Lellis
- Edson Batista Lopes (falecido)
- Elaine Cristine S. Silva
- Emerson Moreira de Aguiar
- Erinaldo Viana de Freitas
- Fernanda Daniele Gonçalves Dantas
- Flávio Marcos Dias
- Florisvaldo Xavier Guedes

- Gabriel Alves Maciel
- Geovan Batista
- Geraldo Pereira de Arruda
- Guilherme Ferreira da Costa Lima
- Gustavo Q. Laurentino
- Icaro Daniel Petter
- Iderval Farias
- Ivandro Oliveira Pinto
- Ivanildo Cavalcanti de Albuquerque
- Jacinto de Luna Batista
- Joáílsson Gonçalves da Silva;
- José Carlos Batista Dubeux Junior
- José Geraldo Eugênio de França
- José Geraldo Medeiros da Silva
- Jucilene S. Araújo
- Lília Willadino
- Lindenberg L. da Silva
- Lucas Rodrigues Gomes
- Lucía Claps
- Luciano Patto Novaes
- Marcelo Carneiro Leão
- Márcio Vieira da Cunha
- Marcone C. M. Chagas
- Margareth Maria Teles Rego
- Maria da Conceição Silva
- Mário de Andrade Lira
- Mércia Virgínia Ferreira dos Santos
- Nelson Papavero
- Paulo Suassuana
- Raquel Nava Rodriguez
- Rêmulo Araújo Carvalho
- Robson Silva Leandro
- Sueni Medeiros Nascimento
- Vanda Lúcia Arcanjo
- Vanildo Leal Bezerra Cavalcanti
- Vinícius Batista Campos

* Francisco José Soares Feitosa, 74, reside em Fortaleza, CE. ff63ff@gmail.com

WhatsApp: 85.999.89.10.86

A seguir, a resposta, altamente autorizada, do Dr. Paulo Suassuna.



Caro Francisco,

Boa Tarde!

Se você é Amigo do meu Irmão Cição, já é meu Amigo também!
É uma satisfação muito grande poder contribuir com a sua investigação.
Na condição de Produtor Rural no Semiárido, de Engenheiro Agrônomo e como eu só mexo com palma, aliás, eu “garanto a bolacha” dos meus filhos com ela, sinto-me bastante à vontade para fazer-lhe alguns esclarecimentos que acho, serem imprescindíveis à sua investigação.

O primeiro deles é em relação às espécies de palma. Aqui no Brasil, o pessoal se refere apenas aos Gêneros Opuntia e Nopalea, como se fossem apenas dois tipos de palma (Gigante e Miúda). Brasileiro adora colocar nome nas coisas! Tem palma de tudo quanto é nome. É miúda, é gigante, é língua de vaca, é orelha de onça, é santa, é mão de moça, é lisa, é azeda. Agora, a da vez, é a orelha de elefante!

Dentro do Gênero Opuntia há diversas espécies, assim como no Gênero Nopalea. Para você ter uma ideia, na minha fazenda em Juazeirinho – PB nós chegamos a ter 160 variedades de palma, todas vindas do estande de palma da Estação Experimental Benjamim Maranhão, da EMEPA, em Tacima – PB, assim divididas:

82 variedades frutíferas (Opuntia e Nopalea, com e sem espinhos), 30 variedades verdureiras (Opuntia e Nopalea, com e sem espinhos) e 48 variedades forrageiras (Opuntia e Nopalea, com e sem espinhos).

Tinha palma de todo tipo e para todos os gostos. Grande, pequena, comprida, redonda, oval, doce, azeda, mais ou menos fibrosa, com espinhos e sem espinhos, mais pesadas ou mais leves e com frutos mais ou menos doces.

Hoje em dia, com o advento da Cochonilha Silvestre, nosso estande está reduzido há apenas algumas dúzias de variedades que conseguiram sobreviver.

Eu achei ótimo porque, as que sobraram, apresentam total ou parcial resistência à Cochonilha Silvestre. Isso, para mim, é muito importante porque me provou que há Opuntias e Nopaleas que são resistentes ou não ao ataque das Cochonilhas Silvestres. Não é porque a palma é do Gênero Nopalea que seja resistente ao ataque da Cochonilha Silvestre. Por favor, observe a fotografia a seguir:



TREINAMENTO E CONSULTORIA
PAULO SUASSUNA
CONSULTORIA LTDA



NOPALEA INFESTADA POR DACTYLOPIUS OPUNTIAE.

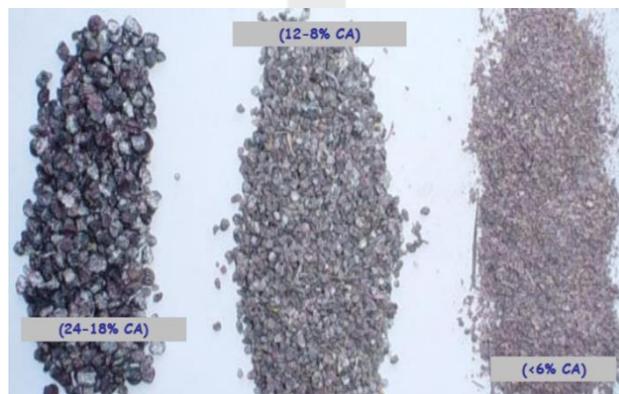
Essas fotos foram tiradas em Monteiro – PB, em 2007, por ocasião de uma missão técnica que eu dirigi, com os pesquisadores da Universidade de Guadalajara, Dr. Liberato Portillo e Dr^a Ana Lilia. Eles estavam querendo identificar qual o Gênero e Espécie da Cochonilha que efetivamente estava acabando com os nossos palmais. Após essa missão, ao retornarem ao México e analisarem o material recolhido, eles concluíram que se tratava de *Dactylopius opuntiae*.

IMPORTANTE: As palmas do Gênero *Nopalea* e da Espécie *Cochenillifera*, receberam esse “sobrenome” em função de serem bem susceptíveis ao ataque de outro tipo de Cochonilha que chamamos, aqui no Brasil, de Cochonilha de Escamas ou Farinha. Essas são do Gênero *Diaspis* sp. e não do Gênero *Dactylopius*. Apesar de que as Cochonilhas de Escamas serem mais brandas do que as Silvestres, precisam de ter uma atenção especial por parte do Produtor Rural porque, se não forem devidamente tratadas, podem levar à morte das plantas. O que é certo, pela orientação que recebi dos meus Amigos Pesquisadores, é que as Cochonilhas Silvestres não conseguem se desenvolver em palmas que têm, em sua constituição, o Oxalato de Cálcio. Este composto é formado por cristais e, quando a Cochonilha tenta penetrar a palma com o seu aparelho bucal, este fica danificado pela ação física desses cristais. Um segundo ponto que impede o desenvolvimento das Cochonilhas Silvestres em

determinadas palmas é a morfologia dos estômatos que também impede a penetração do aparelho picador sugador desses insetos. Os produtores de carmim do Peru, Chile, México e outros países produtores desse corante descartam qualquer variedade de palma que tenha em sua composição o Oxalato de Cálcio, como também, as variedades que possuem os artículos pequenos (Por isso que as palmas do Gênero *Nopalea* não são utilizadas à produção do carmim: Têm Oxalato de Cálcio e têm os artículos pequenos. Na fotografia que você anexou ao seu texto mostra claramente as *Opuntias* servindo de hospedeiro para os insetos.

Outro fator que eu preciso lhe informar é em relação aos tipos de Cochonilha que produzem o carmim. Como você descreveu no texto, são muitos. É bem verdade! E talvez seja por isso que o pessoal, aqui no, Brasil, tenha o costume de chamar a Cochonilha Silvestre de Cochonilha do Carmim.

Nos países que produzem a Grana Fina (Nome dado à verdadeira Cochonilha utilizada para a produção racional do carmim – *Dactylopius coccus*) estas são classificadas de acordo com o percentual de Ácido Carmínico que produzem, portanto, têm um custo maior ou menor para a comercialização no mercado. Veja a fotografia a seguir:



Assim como a *Dactylopius coccus* (Grana Fina), a *Dactylopius opuntiae* (Cochonilha Silvestre) também produz o Ácido Carmínico. A diferença é que a primeira chega a produzir até 24% do seu peso vivo em Ácido Carmínico e é de fácil coleta porque são envoltas apenas por um “pozinho”, ao passo que a segunda não chega a 3% do seu peso vivo e é envolta com uma cerosidade que dificulta muitíssimo a sua extração. A isso, soma-se que *Dactylopius opuntiae*, quando suga a seiva da palma, pela saliva, injeta uma toxina que intoxica a palma. Por mais que você corte a palma, os seus brotos nascem doentes. Observe a fotografia a seguir:



São necessários apenas 3 meses para uma planta de palma chegar à morte depois de ser contaminada. Alguns técnicos ainda procuram defender a ideia de se desenvolver um produto químico que a combata, mas, na minha ótica, o melhor mesmo é tratarmos o assunto com espécies resistentes.

IMPORTANTE: A questão da adaptabilidade da palma miúda às condições mais difíceis. Tudo tem a ver com o manejo. Nós, por exemplo, cultivamos diversas variedades de Nopalea, em Assunção na Paraíba. No ano passado, o nosso regime de chuvas foi de 258 mm e não perdemos nenhum pé por falta de água. Aliás, de 2008 para cá, só tenho cultivado Nopalea nos ambientes mais extremos do país e tenho obtido sucesso. Foi na propriedade de Nininho das Cabras, em Canindé de São Francisco (Mencionado em seu texto) que nós batemos o recorde mundial de produtividade de palma (732 toneladas por hectare em 13 meses de cultivo, com Nopalea sp.), em condição de sequeiro (Foi um ano de 600 mm de chuvas). Então, basta fazer o manejo adequado que as produtividades vêm com a Nopalea.

Fala-se muito que a Orelha de Elefante é mais resistente às condições de seca. Por favor, analise a fotografia a seguir:



A Orelha de Elefante também sofre muitíssimo são não receber o manejo adequado para ser cultivada em ambientes mais secos!



Para finalizar, aqui vai a minha opinião em relação ao desmantelo ocorrido em nossos palmais com o ataque avassalador da Cochonilha Silvestre.

Em outubro de 2007, houve o Congresso Internacional de Palma e Cochonilha em João Pessoa – PB. Após o congresso eu pude dirigir uma missão Técnica nos municípios de Monteiro e Cabaceiras para averiguação do tipo de Cochonilha que estava atacando os nossos palmais. Estavam presentes o Dr. Libetaro Portillo, a Dr^a Ana Lilia (Ambos do México), Dr. Helmut Zimmermann (África do Sul), um Técnico do Ministério da Agricultura e uma Pesquisadora contratada por essa instituição para coletar algumas amostras dos insetos que estavam “acabando” com a nossa palma nativa das caatingas (Opuntia palmadora ou Tacinga palmadora ou Palmatória, como a chamamos vulgarmente). O livro escrito por Dr^a Ana Lilia e Dr. Liberato Portillo “Control de Cochinilla Silvestre y Cría de Grana Cochinilla”, link: (https://www.researchgate.net/publication/274953708_Control_de_cochinilla_silvestre_y_cria_de_grana_cochinilla), Páginas 04 a 21 com ênfase à página 12, mostra claramente que há um erro de interpretação em relação à Espécie de Dactylopius a qual a Opuntia palmadora hospedara. Por ser muito parecida com a Dactylopius opuntiae, a Dactylopius aff. austrinus estava sendo confundida (Esta também produz o Ácido Carmínico em quantidades pequenas). O que os cientistas me informaram é que a palmatória (Opuntia palmadora) é hospedeira natural de Dactylopius aff. austrinus e elas convivem muito bem, uma com a outra. Quando a população de D. austrinus cresce demais, basta um período seco mais prolongado ou um período úmido mais intenso que a população diminui e as palmatórias se desenvolvem tranquilamente. Em particular, eu me lembro que, quando criança, em Taperoá, nós brincávamos de índio nos pintando com aquela “tintinha vermelha” que aqueles “bichinhos da palmatória” produziam. Quer dizer, desde sempre, as Cochonilhas da palmatória (Dactylopius aff. Austrinus) existiram e nunca fizeram mal à palmatória e nem, tampouco, à palma destinada ao gado. Pode tentar inocular Dactylopius austrinus em palma gigante ou miúda que ela não consegue se desenvolver. Isto é um fato!

IMPORTANTE: A palma é hospedeira única de Dactylopius opuntiae. Sendo assim, essa história de que a Cochonilha Silvestre está atacando a Coroa de Frade, o Xique-Xique, o Mandacaru, o Facheiro ou qualquer outra Cactacea, não procede! Então, eu entendo que a versão dos técnicos que entraram nas caatingas em Soledade e Serra Talhada e capturaram a Cochonilha para tentar multiplica-la visando a produção do carmim e que assim se sucedeu o desmantelo, está descartada. Primeiro porque a Cochonilha que preda à palmatória não é Dactylopius opuntiae e segundo porque as palmas destinadas à forragem não hospedam a Dactylopius austrinus.



O QUE EU ACREDITO:

Vou dar a minha opinião em função de longos debates que tive com os cientistas mexicanos, chilenos e peruanos sobre esse assunto em todos os congressos e missões internacionais que pude participar de 2010 para cá. Duas hipóteses podem ser tratadas com mais afinco:

A primeira delas é que, quando o IPA fez a importação dos contêineres com as variedades de palma vindas de diversas regiões do México, acredito eu que foi em 1998, algum material pode ter vindo contaminado e daí, houve a multiplicação natural desse material acarretando no descontrole total da situação.

A segunda é “trela de pesquisador”. Vai-se ao México, visita-se uma unidade de produção da Grana Fina (*Dactylopius coccus*), coleta-se uma pequena quantidade do material infestante, que por serem muito parecidas, para quem não entende, pode vir das duas espécies (*Dactylopius coccus* e *Dactylopius opuntiae*) e armazena-se numa “caixa de fósforos”. Ao chegar ao Brasil, multiplica-se usando a palma como hospedeira. Eis aí a salvação para todos os nossos problemas!!! Aqui vai uma explicação técnica: A velocidade de propagação de *Dactylopius opuntiae* é muitas vezes maior do que a *Dactylopius coccus*, sendo assim, com o decorrer do tempo, a população de *Dactylopius opuntiae* se sobressai à população de *Dactylopius coccus* e então, depois de um certo tempo, passou-se a se multiplicar apenas *Dactylopius opuntiae*. Eis aqui o nosso desmantelo!!!

Para mim, essa última é a hipótese mais plausível, primeiro porque o ministério da agricultura não ficou sabendo de importação alguma de Grana Fina feita pelo Brasil e depois, seria muitíssimo pouco provável que os contêineres com as variedades de palma fossem liberados da quarentena, caso apresentassem qualquer tipo de anormalidade.

Como técnico que vive em função dessa cultura, passei por momentos terríveis porque não tínhamos conhecimento algum sobre a praga. Acredito que, assim como eu, muitos pesquisadores, técnicos e produtores rurais enfrentaram os mesmos problemas. Até chegar à conclusão de que a solução estaria no manejo de variedades de palma resistentes à Cochonilha Silvestre, muitos litros de defensivos ineficientes foram gastos e muitas entradas nos hospitais com diagnósticos de intoxicação por defensivos agrícolas foram computadas.

Eu tenho plena convicção de que as nossas instituições de pesquisa, assistência técnica e extensão rural devam trabalhar juntas, de maneira transparente desenvolvendo pesquisas que possam ser aplicadas no campo, visando a palma, dessa vez tratada como cultura nobre, com o objetivo único de melhorar a qualidade de vida do nosso produtor rural, sobretudo, os que residem no semiárido, tornando a região mais produtiva, competitiva e justa.



Esperamos ter contribuído um pouco mais com a sua investigação. No que depender da gente, por favor, fique à vontade para nos contatar. Estaremos a postos para ajudar no que se fizer necessário.

Um forte abraço,

Paulo Suassuna.

